

3

Estratégias metodológicas: os caminhos percorridos

Neste capítulo apresento a construção da metodologia utilizada na pesquisa de campo e a organização das etapas da investigação.

É importante deixar claro, uma vez mais, que este trabalho busca olhar para as crianças como atores sociais plenos de direitos (Sarmiento 2005, 2006; Sarmiento e Pinto 2005), rompendo com a lógica adultocêntrica. Para Sarmiento e Pinto, as crianças são atores sociais competentes, com características próprias, que se exprimem nos modos diferenciados através dos quais elas se interpretam, simbolizam e comunicam as suas percepções de mundo, interagem com outras crianças e com os adultos e desenvolvem a sua ação no espaço público e privado. As crianças, assim, são produtoras culturais.

Procuro nesta pesquisa ir ao encontro dos significados, das lógicas e dos conhecimentos das crianças negras, ouvindo, escutando o que elas têm a contar e a dizer.

3.1

A entrada no campo

Willian A. Corsaro¹ (2005), ao relatar a importância da entrada no campo para pesquisar crianças, diz que ela é crucial na etnografia, pois exige que os pesquisadores entrem no cenário e sejam aceitos pelos atores e dele participem, “porque um dos objetivos centrais como método interpretativo é o estabelecimento de um estatuto participante e uma perspectiva interna” (Corsaro e Molinari, 2005, p.194). O referido autor

¹ Willian A. Corsaro é professor de Sociologia na Universidade de Indiana, em Bloomington, nos Estados Unidos. Seus principais interesses relacionam-se com a sociologia da infância, cultura de pares das crianças e métodos de investigação etnográficos. É autor de “A entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas”. Revista Educação & Sociedade, vol.26, n.91, p.443-464, Maio/Ago.2005. Outro artigo do mesmo autor, que retrata a questão da entrada no campo, mas com enfoque na receptividade das crianças pequenas, “Entrando e observando nos mundos da criança”, encontra-se no livro: Investigação com crianças-perspectivas e práticas. Organizado por Pia Christensen e Allison James. Editora Porto, 2005.

afirma que, no desenvolvimento da investigação em espaços educativos com crianças pequenas, estes objetivos dependem de “lidar com e desenvolver a confiança de uma série de educadores adultos; obter conhecimento do funcionamento da estrutura social, natureza das relações interpessoais e rotinas diárias no local, ganhando aceitação de professores e alunos” (CORSARO e MOLINARI, 2005, p.194).

Assim, procurei escapar da forma usual da relação adulto-criança na escola e, seguindo os passos de CORSARO (2005), adotar uma estratégia de entrada “reativa”, ou seja, esperei que as crianças reagissem à minha presença. Ao entrar na sala de aula, fui apresentada aos alunos e logo uma criança falou: *quando cheguei à escola, ela já estava no corredor. Ela tem o nome da minha amiga.* As crianças ficaram eufóricas com a minha entrada. Havia uma cadeira vazia no final da sala e decidi sentar lá e ficar observando. As crianças olhavam, riam e conversavam entre si. Depois de vários olhares e risadas, começaram a me “entrevistar”, fazendo várias perguntas sobre a minha vida pessoal e profissional. Para a minha surpresa, minha aceitação foi rápida e fácil, pois já nos primeiros encontros, as crianças criaram estratégias de se aproximar e descobrir quem era esse outro (a pesquisadora) que estava entrando em sua sala de aula. Os registros, a seguir, são alguns exemplos dessa situação:

O primeiro encontro com as crianças foi em 18 de março de 2008. Fui recepcionada pela diretora, pela coordenadora pedagógica e pela professora. Ao ser apresentada às crianças, elas ficaram eufóricas, até então não sabiam que naquele momento um não ‘nativo’ iria participar de suas rotinas diárias. Os meninos e as meninas riam, conversavam e me olhavam, com olhares curiosos para saber quem era que estava chegando à sua classe. Sentei no final da sala e, em poucos minutos, uma menina veio me perguntar se eu iria ficar com elas até o final da aula e se eu participaria do recreio. Logo em seguida, as crianças que estavam sentadas próximas à minha mesa também começaram a conversar e a fazer várias perguntas sobre a minha vida pessoal e profissional para saber quem eu era e o que estava fazendo na sala de aula. Nesse dia também ouvi algumas histórias de vida das crianças, tanto pelas falas dos alunos, quanto pela falas das professoras (Caderno de Campo, 18 de março de 2008)

Lara²: “Você vai para o recreio com a gente?”
 Sara³: “Eu vou participar do recreio com vocês.”
 Sara: “Você gostou?”
 Lara: “Gostei!”
 Lara: “Você vai ficar até o final da aula?”
 Sara: “Eu vou.”
 Lara: “Você vai ficar quantos dias aqui?”
 Sara: “Acho que vou ficar um bom tempo com vocês.”

(Terminamos a conversa e a Lara saiu avisando para a turma que a ‘tia’ Sara iria participar do recreio com a turma).

Lara: “Eh! A tia,⁴ Sara vai para o recreio com a gente.”

(Neste momento outras crianças que estavam sentadas próximas à minha mesa começaram a me “entrevistar”⁵)

Jonatha: “Onde você mora?”
 Sara: “Moro no Rio de Janeiro do outro lado da ponte.”
 Jonatha: “Você mora longe!” “Você vai voltar amanhã?”
 Sara: “Vou.”
 Jonatha: “Quantos dias você vai ficar aqui?”

² Por questões éticas, optei por usar nomes fictícios para nomear as crianças que participaram da pesquisa. Tomo como referencial teórico para estas questões o artigo da professora Sonia Kramer: *Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças*. Cadernos de Pesquisa, n.º 116, p.41-59, jul/2002. Esta minha opção deu-se em respeito a uma fala de uma menina sobre o meu caderno de campo, em relação às minhas anotações. “Eu não gosto que você anote a minha fala”. Ao conversar e perguntar se ela gostaria de participar da pesquisa, respondeu: “Eu quero participar da pesquisa, mas não gosto que você anote minha fala”. Por outro lado, quando a pesquisadora utilizou a máquina fotográfica durante a pesquisa, e a mesma criança pedia para ser fotografada e mostrava-se disposta a conversar. Porém, diante da anotação de algum dado importante, sempre ouvia da menina: “Já vai anotar, no seu caderno, Sara? Por que tudo você escreve?”. Essa menina vive em um ambiente extremamente violento, na cidade de Niterói, e muitas vezes fui comparada pelas crianças como alguém que fica no morro anotando tudo que se passa na favela. “Lá no morro tem uma pessoa igual a você, anota tudo que se passa na favela. Por que você tanto anota? O que você está fazendo aqui na nossa sala de aula? Onde você mora?”. Muitas vezes fui entrevistada pelas crianças para saber quem eu era e o que estava fazendo ali, anotando e conversando com eles.

³ Nome da pesquisadora.

⁴ No primeiro dia da pesquisa deixei claro que eles poderiam me chamar pelo meu primeiro nome – Sara. Algumas crianças concordaram com a idéia, mas outras preferiram chamar de tia ou professora, ainda que eu explicasse que não estava ali como professora, que estava desenvolvendo um estudo na sala deles e com eles.

⁵ Várias foram as perguntas que as crianças fizeram sobre a minha vida pessoal e profissional. Deixo claro que essas perguntas aconteceram durante todo o processo da pesquisa. Perguntavam-me se eu era casada, se tinha filhos, se tinha pai, mãe e irmãos, se trabalhava com crianças, onde trabalhava, onde estudava, qual o nome da faculdade, etc. Para conhecê-los, eu também tinha que falar sobre minha vida, para que eles também falassem de si e por isso a pesquisa foi intensa neste processo de diálogos entre pesquisador e pesquisados. Foram vários momentos de conversas, risos, choros, brincadeiras, alegrias. Ouvi várias histórias contadas pelas crianças.

(Jonatha, desta vez, fez a mesma pergunta que a Lara já havia feito antes, sobre quantos dias a pesquisadora iria ficar no campo). (Caderno de campo, 18 de março de 2008)

Para iniciar a pesquisa na Escola Estadual Boa Vista⁶, a minha entrada em campo foi autorizada pela diretora, juntamente com a coordenadora pedagógica e a professora da 1ª série, que fazia parte da pesquisa. Tura (2003) afirma que essa entrada é o primeiro momento em que o pesquisador faz o contato com o seu campo de trabalho. Para a autora, há um longo processo de negociação nesta etapa, e um primeiro dado é uma boa receptividade⁷ da diretora, pois é ela quem autoriza a entrada do pesquisador no campo. A diretora e sua adjunta abriram o espaço da escola para que eu realizasse minha pesquisa. No desenvolvimento do meu trabalho fiz anotações sobre boa receptividade de todos da escola e, principalmente, a receptividade das crianças.

A entrada na escola é feita por um portão de madeira que dá acesso a um corredor com cerca de cinco metros, por onde se chega a um grande pátio coberto. Nesse corredor também se encontra uma escada que dá acesso ao segundo andar da escola, onde ficam situados a secretaria, a sala dos professores, os banheiros e cinco salas de aula.

A fotografia abaixo retrata a entrada no campo, pois, além de observar e anotar, também produzi vários registros fotográficos dos espaços escolares, das ações e dos movimentos das crianças. No momento dessas fotos, estava observando, anotando e fotografando a entrada dos meninos e das meninas, com seus pais, avós, tios e outros responsáveis. Meninos e meninas se preparavam para mais um dia de aula na Escola Estadual Boa Vista.

⁶ O nome escolhido para a escola também é fictício.

⁷ A professora Maria de Lourdes Rangel Tura, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ressalta a importância da entrada no campo, ou seja, os primeiros contatos com a escola e a diretora. Afirmei que é um dado favorável ser bem recebido pela escola e, principalmente, pela diretora, pois é ela quem permite sua entrada na escola para desenvolver a pesquisa. A esse respeito ver bibliografia.

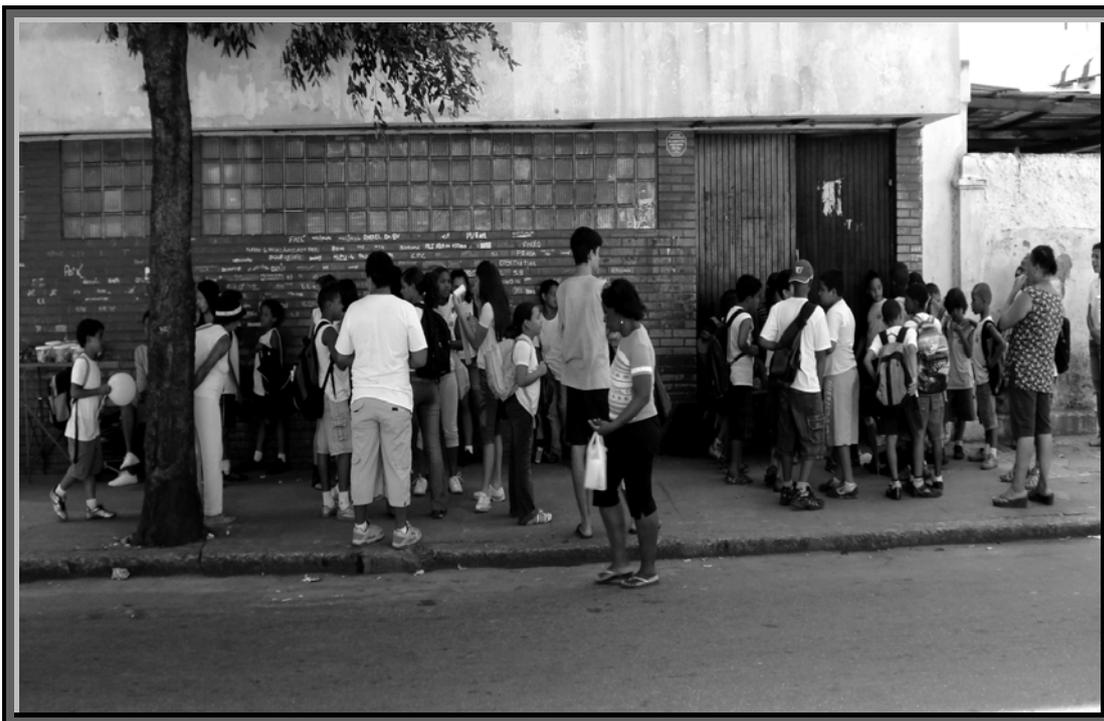


Foto 2: A entrada da escola.

Logo na entrada havia alguns avisos, tanto para a comunidade interna, como para a comunidade externa da escola, e um desses avisos explicava que só era permitida a entrada na escola com a autorização da diretora ou dos funcionários. Fiz registros sobre essa preocupação com a segurança dos alunos e funcionários. Inclusive, na frente da escola, existia uma placa avisando que eles contavam com segurança 24 horas por dia. Em todos os corredores era preciso passar por portões e grades de ferro. As portas eram trancadas com cadeados e até as escadas eram protegidas por grades e trancadas com cadeados. Em todos os momentos em que permaneci na escola, sempre observei que os portões estavam fechados. A segurança era tanta que continuamente para ter acesso ao segundo andar da escola, onde ficavam situadas a secretaria e as salas de aula, tínhamos que passar por dois portões com grades e cadeados ou, se fôssemos pelo pátio, por um portão de madeira e duas grades de ferro.



Foto 3: Os meninos e as meninas esperando o portão da escola abrir.

3.2

A abordagem etnográfica e suas contribuições para a pesquisa com crianças

A etnografia é o método que os antropólogos mais empregam para estudar as culturas exóticas. Ela exige que os pesquisadores entrem e sejam aceitos na vida daqueles que estudam e dela participem. Neste sentido, por assim dizer, a etnografia envolve “tornar-se nativo”⁸. Estou convicto de que as crianças têm suas próprias culturas e sempre quis participar delas e documentá-las. Para tanto, precisava entrar na vida cotidiana das crianças – ser uma delas tanto quanto podia (CORSARO, 2005, p.446)

A etnografia é um método em que o pesquisador participa ativamente da cultura do outro e do mundo social que estuda, vivenciando, compartilhando e observando vários momentos das relações sociais e culturais do outro. O pesquisador ouve, escreve e interpreta o

⁸ E foi o que fiz, participei da vida das crianças, de suas culturas, vivências e experiências, anotando e fotografando, pelo período de 5 meses, durante 4 dias por semana e 4 horas por dia.

ponto de vista do nativo, ou seja, o modo como as pessoas que vivem num determinado universo social o entendem. Assim, ao usar o método etnográfico nas pesquisas com crianças, um pesquisador pode observar, anotar e fotografar as ações e práticas sobre a vida das crianças, procurando ouvir delas o que têm a dizer sobre o mundo em que vivem, ou seja, o método etnográfico permite uma observação direta e uma compreensão do ponto de vista dos nativos nesse caso, as crianças sobre o mundo em que se inserem.

Nesse sentido, para pesquisar e compreender o ponto de vista e os significados das crianças é de suma importância renunciar algumas hipóteses adultas, tais como, a convicção de que já conhece o que as crianças são, que suas ações diárias são comuns, que elas necessitam ser ativamente controladas ou que são passivas na incorporação de papéis e comportamentos sociais. Reconhecê-las como sujeitos, e não como objetos de pesquisa, é aceitar que as crianças interagem ativamente com os adultos, com outras crianças, com o mundo, que são capazes de descrever suas experiências e vivências.

Tal método mostra-se bastante importante para se realizar pesquisas na área de educação, uma vez que a etnografia tem a finalidade de desvendar a realidade através de uma perspectiva cultural, pois é uma “descrição cultural” (GEERTZ, 1989, p.20), ela é uma produção de textos culturais que podem contribuir para a compreensão mais densa das práticas do cotidiano escolar. É uma prática descritiva que nos ajuda a interpretar as ações, os rituais, os símbolos e significados de diferentes maneiras, pois “na pesquisa de campo, o etnógrafo tem o dever e a responsabilidade de estabelecer todas as leis e regularidades que regem a vida tribal, tudo que é permanente e fixo” (MALINOWSKI, 1980, p. 24).

O método da etnografia na área da educação torna-se relevante e importante na medida em que a etnografia pode contribuir para descobrir as maneiras como os diferentes sujeitos vivem, seus significados, experiências, ritos, sentimentos e diferentes posições e visões de mundo, pois permite penetrar com profundidade a cultura do outro, ou seja, mergulhar na cultura do outro para captar o ponto de vista dos nativos, observando todas as ações e todos os movimentos dos nativos em sua

“plena liberdade”. “Sem dúvida, para que um trabalho etnográfico seja válido, é imprescindível que cubra toda a totalidade de todos os aspectos social, cultural e psicológico – da comunidade; pois esses aspectos são de tal forma interdependentes que um não pode ser estudado e entendido a não ser levando-se em consideração todos os demais” (MALINOWSKI, 1980, p.12).

Sendo assim, a minha postura enquanto pesquisadora foi capturar a perspectiva dos participantes e considerar seus diferentes pontos de vista, já que os estudos “qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessíveis ao observador externo” (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 17).

Sarmiento (2005) nos alerta que para pesquisar crianças é de suma importância estarmos atentos para a sua diversidade sócio-cultural. Quem são essas crianças que estamos pesquisando? Quais as condições sociais em que vivem? Qual a classe social, etnia, raça a que pertencem, o gênero, a região onde vivem? Para Sarmiento (2005, p. 369) “os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças”.

Uma criança da classe média européia, do gênero masculino, do grupo etário, por exemplo, dos 6 aos 12 anos, da etnia dominante e raça branca tem muito mais possibilidades de viver com saúde, de aceder à educação escolar, de ter tempo para brincar e de aceder a alimentos, roupas condições de habitação, jogos e espaços de informação e lazer, que uma criança do mesmo grupo etário, mas que tenha nascido em África ou na América do Sul, pertencente a meios populares e que integre o gênero feminino: são muito menores, neste caso, as possibilidades de estudar, brincar e aceder a bens de consumo, e muito maiores as possibilidades de estar doente e de ter sobre os ombros as responsabilidades e os encargos domésticos. Esta comparação, um pouco trivial, é ilustrativa da diversidade social das crianças, que ocorre se tomarmos cada um dos fatores de estratificação por si, ou se considerássemos a todos no seu conjunto (id, p.370).

Assim, o etnógrafo vai redescobindo o seu problema de pesquisa no campo, dada a natureza sócio-cultural da investigação, pois, ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, observa o dinamismo das situações internas, uma vez que a etnografia busca um olhar investigativo para compreender os símbolos, crenças, valores, regras, interpretações, costumes dos grupos estudados, por isso a

etnografia caracteriza-se como uma ciência da descrição cultural.

Geertz (1989) propõe que a etnografia seja uma “*descrição densa*” (p. 20) das dimensões simbólicas da ação social, pois o texto etnográfico favorece um diálogo e uma troca entre pesquisador e pesquisados. A etnografia tem a finalidade de desvendar a realidade através de uma perspectiva cultural, é uma produção de textos culturais que podem contribuir para a compreensão mais densa das práticas do cotidiano escolar. O trabalho do etnógrafo é quase como tentar ler um manuscrito estranho; sendo assim, é necessário realizar entrevistas com os informantes, observar rituais, interpretar os termos de parentesco e escrever em um caderno de campo.⁹

Geertz pergunta então, “o que faz um etnógrafo”? – “Ele escreve”. “Ele observa, ele registra, ele analisa” (Geertz, 1989, p.30 e 31).

Durante o período de março a julho foi o que mais fiz; escrevi por todos os lados por onde andava pela escola: na sala de aula, no refeitório, no pátio, na sala dos professores, nas reuniões pedagógicas, conselho de classe, na entrada e na saída da escola. Quando chegava em casa, digitava todo o relatório, procurando fazer das anotações do meu caderno de campo uma “*descrição densa*”. As crianças ficavam curiosas com a minha escrita e me faziam várias perguntas sobre o que tanto eu escrevia. Apresento algumas conversas das crianças com a pesquisadora sobre o caderno de campo.

Os registros a seguir são alguns exemplos do diálogo que teci com as crianças acerca do meu caderno de campo:

Meire, hoje, me fez várias perguntas sobre meu caderno de campo:

Por que tudo você escreve?

Você escreve muito rápido!

Por que você está anotando tudo?

Meire olhou, observou e perguntou: é sobre a nossa vida?

Ana Carla: Sara, deixa eu escrever esse seu texto?

Sara: Qual texto, Ana Carla?

Ana Carla: Esse texto que está aí no seu caderno.

⁹ De acordo com a etnografia, o diário de campo transformou-se no primeiro instrumento para o registro dos dados da pesquisa de campo, pois é nele que o pesquisador registra, anota, seleciona, levanta genealogias e mapeia o campo, ou seja, é o espaço reservado para as “*descrições densas*”, segundo Geertz.

(No momento da conversa, Ana Carla pegou meu caderno, olhou e depois passou a mão sobre a folha escrita e ficou observando o texto. No período que aconteceu a pesquisa Ana Carla ainda não sabia ler.)

O que você está fazendo na nossa sala de aula, Sara? - perguntou Paulo para a pesquisadora.

Sara: Eu estou fazendo uma pesquisa com vocês e por isso eu estou aqui em sua sala de aula.

Ela está escrevendo sobre a nossa vida,¹⁰ disse Tadeu para o Paulo.

Paulo responde: Ah! Você vai ficar aqui um bom tempo (Caderno de campo, 28 de março de 2008).

O que você tanto anota nesse caderno, Sara? perguntou Letícia para a pesquisadora.

Já vai escrever, Sara?! Por que tudo você escreve? perguntou Joana para a pesquisadora.

Outro dia estávamos conversando e Tereza perguntou sobre meu caderno de campo: “O que você está escrevendo, você vai mostrar para minha mãe?” “Não.” “E para minha avó?” “Também não.” “E para a professora?” “Não.” “Ah, que bom, pois senão a gente é chamada de fofoqueira e queimam a nossa língua.”

(Quando perguntei quem queimaria sua língua, ela não me respondeu e só falou que não podia conversar. Tereza deu um sorriso de alívio ao saber eu não iria deixar a professora ler o caderno de campo).

Tadeu estava presente na hora da conversa e comentou: “isto aí é

¹⁰ As crianças fizeram várias perguntas sobre o caderno de campo e chegaram à conclusão que eu estava escrevendo sobre a vida deles. Algumas relatavam suas vidas, sem que eu fizesse perguntas. Elas também falavam sobre o cotidiano da favela. Muitas vezes minha pesquisa saía de dentro da sala e entrava na favela através dos relatos feitos pelas crianças. Quero ressaltar a importância de uma etnografia com crianças de classes populares, pois elas têm muito a contribuir para com a pesquisa na área de educação. São crianças que têm uma experiência de vida, uma riqueza em suas vozes, uma competência em lidar com os acontecimentos do cotidiano, com a exclusão social. São crianças que dão valor para cada ato de solidariedade, sensibilidade, amor e carinho. Elas são observadoras e sensíveis. Nós, pesquisadores, temos muito que aprender com as crianças e, principalmente, com as oriundas das classes populares, negras em sua grande maioria.

um diário e não pode mostrar para ninguém, só ela pode ler. Diário só a pessoa que lê.” (Caderno de campo, 28 de março de 2008)

As perguntas continuaram durante um bom tempo, mas depois eles se acostumaram com o caderno de campo.

A descrição etnográfica é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o “dito” num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis” (id, p. 31). Portanto, o método etnográfico é um método interpretativo que prioriza o ponto de vista do outro, compreendido a partir da pesquisa de campo, ou seja, da imersão no campo. O pesquisador, a partir da sua imersão no campo, observa, registra, faz análise de suas vivências e experiências, procurando desvendar os significados simbólicos de outras culturas, ou seja, no contexto da proposta apresentada, a cultura das crianças negras. Assim, “a etnografia visa apreender a vida, tal qual ela é quotidianamente conduzida, simbolizada e interpretada pelos atores sociais nos seus contextos de ação (SARMENTO, 2003, p. 153).

A etnografia é também uma observação ampla, participativa e viva, em que o pesquisador deve estar inserido para descrever os acontecimentos a partir da cultura do outro. “Os antropólogos não estudam as aldeias, eles estudam nas aldeias”, afirmou Geertz (1989, p. 32). Sendo assim, não estudei as crianças, mas *com* as crianças no seu cotidiano escolar. Nesta perspectiva, é de fundamental importância deixar que as crianças falem e dêem explicações sobre suas vidas, seus relacionamentos, suas culturas, suas vivências e experiências. Assim, dialoguei com as crianças negras, procurando entender a cultura como um processo fluido e dinâmico, pois a

(...) utilização da etnografia como ciência da descrição cultural coloca, então, o pesquisador em condições de observar os comportamentos em seu quadro natural e obter das pessoas observadas as estruturas de significação que tornam compreensível a trama de um comportamento. A prática etnográfica permite, assim, descobrir o saber cultural próprio dos indivíduos, assim como os meios pelos quais esse saber cultural é utilizado na interação social (SIROTA, 1995, p.271).

3.3

A coleta de dados: os instrumentos utilizados

Como entender as falas, os sentimentos e sentidos do universo da vida das crianças no contexto escolar, as imagens, os gestos, os silêncios, os olhares, as risadas, as brincadeiras, os choros, enfim, essas múltiplas linguagens do universo infantil? Para tal, “é preciso que o pesquisador se coloque no ponto de vista da criança e veja o mundo com os olhos da criança, como se estivesse vendo tudo pela primeira vez!” (SILVA, BARBOSA e KRAMER, 2005, p. 52)

Neste sentido, se há múltiplas linguagens e modos de se entender a criança, e em especial as crianças negras, optamos nessa pesquisa por várias formas de aproximação e registro das experiências vividas na escola. A utilização de múltiplos instrumentos de pesquisa pode contribuir para entender a complexidade do fenômeno estudado, pois assim o pesquisador terá maior possibilidade de análise, já que a abordagem etnográfica combina vários instrumentos para coletar os dados.

Marli André (2007) afirma que o pesquisador não deve se limitar à descrição das situações, mas

deve ir muito além a tentar reconstruir as ações e interações dos atores sociais segundo seus pontos de vista, suas categorias de pensamento, sua lógica. Na busca das significações do outro, o investigador deve, pois, ultrapassar seus métodos e valores, admitindo outras lógicas do entender, conceber e recriar o mundo. A observação participante e as entrevistas profundas são, assim, os meios mais eficazes para que o pesquisador aproxime-se dos sistemas de representação, classificação e organização do universo estudado (ANDRÉ, 2007, p. 45).

Sendo assim, para investigar a criança negra no cotidiano da Escola Estadual Boa Vista, tornou-se necessária a utilização dos múltiplos procedimentos de pesquisa orientados a exercitar uma escuta ativa e sensível, já que na busca das significações do outro, o investigador deve ultrapassar seus métodos e valores; para que o registro não seja reduzido à vigilância e à captura, mas orientado à troca, ao diálogo e à compreensão das falas, dos movimentos e das ações das crianças. Desta forma, utilizamos a observação participante, as entrevistas, as fotografias,

os desenhos produzidos pelas crianças, o registro escrito no caderno de campo. Observei também, durante a pesquisa de campo, outros espaços por onde as crianças e os professores circulavam, como por exemplo, o pátio, o refeitório, corredores, a sala de aula de uma turma de 1ª série, as reuniões pedagógicas, os recreios e a aula de educação física para as crianças da 1ª série.

3.3.1 A observação participante

Reconhecer as crianças como sujeitos próprios e não objetos de investigação significa aceitar que as crianças podem falar de “direito próprio” e relatar opiniões e experiências válidas (ALDERSON, 2005, p. 261).

Hoje, a Diretora Adjunta entrou na sala de aula, observou as crianças, conversou com a professora sobre o comportamento da turma, e, sobre o mesmo assunto, mais especificamente, com duas crianças. Notei também que ela olhava para a pesquisadora, pois ainda não nos conhecíamos. Marcos, sentado do meu lado, pediu para eu olhar para “o olho” da diretora: a diretora olha para todo mundo, disse a criança para a pesquisadora, e continuou falando: se você ficar aqui todos os dias ela vai olhar para você. Ela está olhando para você, olha o olhar dela. Ela quer saber quem é você, ela faz assim com a gente. Ela vem aqui todos os dias para olhar para a gente, pra conhecer a gente. Ela agora quer saber quem é você. Por isso ela tá te olhando. “Como você sabe que ela está me observando?” “Olha para o olho dela, olha como ela te olha” (Caderno de campo, 25 de março de 2008).

Para o desenvolvimento desta pesquisa me apropriei de autores do campo da antropologia cultural, pesquisa qualitativa, antropologia da criança e do campo da sociologia da infância e da educação. Dentre esses autores, destaco os trabalhos de Geertz (1989); Malinowski (1980); Sarmiento (2003, 2005); Tura (2003); André (2006); Lüdke e André (1986); Willian Corsaro(2005); Clarice Cohn (2005). Considero que esse diálogo interdisciplinar entre diferentes áreas do conhecimento foi rico e valioso para o desenvolvimento da minha pesquisa, tendo em vista a

complexidade das questões que emergiam diariamente inclusive do fato de os sujeitos da investigação serem crianças.

Vale destacar que utilizei a observação participante, uma vez que ela me permitia um contato pessoal e direto com os sujeitos da pesquisa, condição fundamental para a compreensão dos valores, dos significados, das práticas culturais, de visões de mundo e das crenças desses mesmos sujeitos. Reconheço que a observação participante se constitui em uma das principais fontes para a coleta e registro das vozes das crianças e ressalto: conversei muito com as crianças e vivenciei com elas o cotidiano de uma sala de aula e da escola como um todo.

Cohn (2005) afirma que o campo das análises que tem as crianças como foco é amplo e variado. Dessa forma, cada pesquisador pode se decidir pelo uso de diferentes procedimentos metodológicos como observação participante, complementada ainda com outros recursos, como desenhos e histórias elaboradas pelas próprias crianças e seus registros audiovisuais.

A etapa da pesquisa que envolveu a observação do cotidiano escolar foi desenvolvida durante o primeiro semestre do ano letivo de 2008, no período de março a julho, com uma carga horária de quatro horas de observação por dia. Frequentei a escola quatro vezes por semana, durante cinco meses. Esse mergulho no cotidiano foi fundamental, pois, em se tratando de crianças, é preciso muito cuidado, atenção e sensibilidade para os acontecimentos, conversas e diálogos em situações diversas. Para isso, foi preciso desenvolver uma relação próxima com as crianças, pois nos encontros as conversas com as meninas e os meninos foram sendo construídas.

Nesse sentido, fui criando um vínculo com as crianças, participando de todas as atividades que elas desenvolviam e produziam na escola, pois a “interpretação das culturas infantis não pode ser realizada no vazio social, e necessita de se sustentar na análise das condições sociais em que as crianças vivem, interagem e dão sentido ao que fazem” (SARMENTO e PINTO, 1997, p.28). Durante a pesquisa, pude participar de muitas conversas entre as próprias crianças sobre suas vidas, suas famílias, o local de moradia, as amizades, as festas, assim como das

professoras e dos trabalhos que desenvolviam na escola e em suas comunidades cabe dizer que uma grande maioria dos alunos morava em favelas próximas da escola.

Meu objetivo foi o de apreender o ponto de vista deles e dos profissionais da escola pesquisada, seu relacionamento com sua vida e suas visões de mundo (MALINOWSKI, 1980, p.33).

Observei também, além de uma sala de aula da 1ª série, outros espaços tais como: sala de professores, sala da coordenadora educacional, aula de educação física para as crianças da 1ª série, refeitório, pátio, secretaria da escola, sala da diretora e da adjunta, reuniões pedagógicas, conselho de classe.

3.3.2 As entrevistas

Outra técnica utilizada foi a entrevista. Como afirma Brandão (2002), entrevista é trabalho e requer uma atenção permanente do pesquisador em relação aos seus objetivos, obrigando-o a aprender a olhar, escutar o que é dito e aprender a “refletir sobre a forma e conteúdo da fala do entrevistado, os encadeamentos, as indecisões, contradições, as expressões e gestos.” (id, p. 40). As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões, esclarecer os problemas observados, e ampliar as análises de temas significativos para o estudo.

Foram realizadas cinco entrevistas. A escolha dos profissionais entrevistados considerou critérios como a função exercida, a disponibilidade de tempo, o foco da pesquisa, além da possibilidade de privilegiar um professor de cada série, buscando-se um amplo conhecimento da escola que estava sendo investigada.

A diretora geral da escola não aceitou participar, declarando: “Você pode fazer as entrevistas com quem você quiser na escola, mas no momento não tenho tempo.” “Você pode fazer com a diretora adjunta e com qualquer funcionário.” Respeitei essa decisão e não insisti para que ela fosse entrevistada.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas após a conclusão da observação participante, ou seja, no mês de julho de 2008, permitindo uma maior abertura para aprofundar e compreender a realidade que estava sendo estudada, pois já havia uma relação construída entre as entrevistadas e a pesquisadora.

As entrevistas foram realizadas com a diretora adjunta da escola, com a coordenadora educacional e com três professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental: uma professora do primeiro ano, uma do segundo e outra do quarto.

Foi significativo entrevistar a diretora adjunta para eu obter informações gerais sobre a escola, as crianças, as famílias e os profissionais como um todo. Além de sua ampla experiência no magistério e vasto conhecimento da escola, tinha experiência com coordenação, além de passagem pela direção da escola por curto período.

Outra entrevista, também bastante enriquecedora, foi feita com a professora do quarto ano, pois ela já tinha sido diretora da escola e há 20 anos atua nessa mesma instituição; atualmente, está só em sala de aula, em dois turnos, matutino e vespertino. Escolhi essa professora por conta de suas colocações nas reuniões pedagógicas, pois sempre se apresentava como uma pessoa preocupada com os alunos, tanto em relação ao aprendizado, como à vida delas. Preocupava-se com a questão da diferença na sala de aula, demonstrando grande angústia em não saber lidar com tantos problemas sociais, como por exemplo, a violência, o desemprego e a carência financeira, já que a grande maioria dos alunos é moradora de favelas e tem famílias monoparentais, assumidas, em geral, pelas mulheres.

Quase todas as professoras entrevistadas têm uma ampla experiência no magistério, com um tempo de serviço de quase 20 anos em sala de aula. A diretora adjunta e a professora do quarto ano são formadas em Pedagogia, com especialização em supervisão e administração escolar.

A Coordenadora Pedagógica é formada em Ciências Biológicas, possui licenciatura e atualmente está fazendo o curso de Psicologia. Essa professora atuava em sala de aula, mas, no momento em que realizei a

pesquisa, tinha sido readaptada para a função de coordenadora educacional.

As outras duas professoras entrevistadas possuem o Normal com ampla experiência nas séries iniciais, com cursos na área de Educação Especial, Educação Infantil e Alfabetização. Ambas são novas na escola objeto da pesquisa, mas possuem experiência em outras escolas públicas e particulares.

As entrevistas foram realizadas no ambiente escolar, mais especificamente, na sala de cada entrevistada. A entrevista com a diretora adjunta foi realizada na sala principal da direção e a diretora geral estava presente durante sua realização.

O roteiro das entrevistas¹¹ foi construído de acordo com as questões centrais da pesquisa, além das questões que emergiram a partir das observações participantes. O roteiro foi o mesmo para todas as entrevistas, com algumas modificações, visando uma maior adequação à especificidade de cada entrevistado.

As entrevistas foram estruturadas da seguinte maneira: no primeiro momento, foi solicitada uma pequena apresentação minha para a professora que estava sendo entrevistada; ela respondeu um breve questionário com três tópicos: dados pessoais (nome, idade, cor e religião); formação acadêmico-profissional e participação em movimentos, organizações, sindicatos, grupos comunitários. O segundo momento da entrevista foi desenvolvido tendo por base treze perguntas abordando os seguintes aspectos: trajetória profissional e seus maiores desafios; tempo de serviço na escola; caracterização da clientela da escola; suas diferentes características raciais, sociais, religiosas, de gênero etc; as tensões ou dificuldades que enfrenta na escola; como são os relacionamentos das crianças entre si e com os adultos; presença de conflitos, preconceitos, e discriminação no cotidiano escolar; como a escola lida com as crianças negras e moradoras de favelas; contribuições dos cursos de formação para a prática pedagógica. Lembro que durante

¹¹ O roteiro das entrevistas encontra-se em anexo.

minhas observações e conversas informais travadas nas salas de aula, procurei focalizar esses mesmos aspectos.

3.3.3

O registro fotográfico

Outro procedimento metodológico utilizado durante todo o processo da pesquisa foi o registro fotográfico. A máquina entrou em cena como uma outra possibilidade para apreender a realidade investigada e apresentá-la através de imagens que expressam o cotidiano da escola pesquisada e as situações ali vivenciadas.

A fotografia, enquanto extensão da nossa capacidade de ver, constitui-se naturalmente em um instrumento da observação participante (Rouillé, 1991) na busca de dados antropológicos. Ou seja, a função da fotografia é a de destacar um aspecto de uma cena a partir do qual seja possível se desenvolver uma reflexão objetiva sobre como os indivíduos ou os grupos sociais representam, organizam e classificam suas experiências e mantêm relações entre si (GURAM, 1995, p.160)

Guram (1995), destaca ainda que a fotografia não é apenas expor aquilo que é visível, mas, sobretudo, tornar visível o que nem sempre é visto. Assim, as imagens colocadas no texto permitem deixar as marcas das crianças, seus momentos de estudos, de brincadeiras, das corridas pelo pátio, a entrada na escola, no recreio, no refeitório, na sala de aula, pois a fotografia é a matéria-prima visível da realidade, que se encontra permanentemente em movimento.

Comecei a fotografar logo após ter iniciado a pesquisa de campo, fazendo com que a máquina fotográfica se tornasse parte da pesquisa, estando presente todos os dias, assim como o caderno de campo. Muitas vezes as crianças pediam para serem fotografadas. Produzi uma quantidade enorme de fotografias: do prédio da escola, das crianças, das salas de aula, do pátio. Fotografei murais, cadernos das crianças etc. Produzi um rico material empírico em imagens fotográficas. As crianças ficavam eufóricas ao ser fotografadas e imediatamente queriam ver como ficaram. Eu queria fotografar os detalhes, os acontecimentos, as ações

das crianças na escola pesquisada, e, numa oportunidade, ao fotografar a entrada das crianças e a organização deles na hora de formar a fila, fui surpreendida pela pergunta de uma menina: “Moça, você é fotógrafa?”

Segundo Guram (1995),

(...) a contribuição mais importante que a fotografia pode trazer à pesquisa e ao discurso antropológico, a meu ver, reside no fato de que, pela sua própria natureza, ela obriga a uma percepção do mundo diferente daquela exigida pelos outros métodos de pesquisa, dando assim acesso à informação que dificilmente poderia ser obtida por outros meios (Guram, 1995: p. 157).

A fotografia nos apresenta uma possibilidade de apreensão e percepção da realidade, tornando-se um instrumento importante de detalhes, o que estimula um novo olhar sobre a vida social através das informações contidas nas imagens, e permite uma melhor leitura e compreensão da situação estudada. Afinal, “quem olha, olha de algum lugar” (Chauí, 2006: p. 35), olhar que, nesse caso, é o do pesquisador que medita, reflete e investiga a vida cotidiana em busca de informações para ver e conhecer através dos acontecimentos do dia-a-dia. Sua “visão se faz no meio das coisas e não de fora dela. Ali onde o visível se põe a ver e se vê vendo” (idem: p. 59).



Foto 4: Uma menina produzindo um desenho em sala de aula.

3.3.4

O desenho da criança

Além dos movimentos, das ações, dos gestos, das brincadeiras, das danças, das conversas e canções registradas através do meu “olhar” e da máquina fotográfica, utilizei os desenhos produzidos pelas crianças ao longo de todo o seu processo. Esses desenhos foram se mostrando como um outro procedimento metodológico de coleta de dados. Eles retratavam suas realidades, seu cotidiano, seus sonhos. Fiquei emocionada com algumas histórias reais que estavam sendo retratadas pelos desenhos das crianças. Histórias reais sendo desenhadas pelas mãos de meninos e meninas mostrando suas vidas, experiências, anseios, crenças, sentimentos e emoções. Os desenhos, ao longo de todo o processo da pesquisa, foram se tornando um dado importante para coleta de informações sobre suas condições de vida, seus pensamentos, sobre o seu cotidiano social e cultural, os desenhos são uma forma de registro histórico, social e cultural.

Para Coles (1992)

Não é difícil, olhando desenhos e pinturas de crianças, perceber as significativas influências de suas experiências pessoais – ou os reflexos de raça, classe, região ou momento histórico no sentimento do que é importante na vida de um menino (COLES, 1992, p. 8, apud. LEITE, 1998, p. 143).



Foto 5: Uma menina negra desenhando sua casa.

Após a coleta de dados, fizemos uma triangulação das diversas informações, um cruzamento da informação recolhida a partir da observação, das entrevistas e das fotografias e desenhos das crianças. “Em síntese, a triangulação dos métodos de recolha de informação, bem como a multiplicação das fontes, obedece ao duplo requisito da abrangência dos processos de pesquisa e da confirmação de informação” (SARMENTO, 2005, p.156, 157).

No entanto, somos conscientes de quê:

A pesquisa empírica só tem sentido se admitirmos de antemão que a realidade é mais complexa que a teoria, o que implica, necessariamente, que o trabalho de campo faça surgir novas questões não contempladas no corpus abstrato geral (João Teixeira Lopes: 1996, p. 91).

Após delinear o caminho percorrido e as estratégias metodológicas privilegiadas, apresento, nos capítulos seguintes, a análise dos dados da pesquisa realizada: a escola, as crianças e os depoimentos dos diferentes profissionais que dela participaram.